

Luiz Rosemberg Filho, as imagens, os sons e a força revolucionária da palavra

“Seus projetos são todos possuídos de ambições totalizantes.”
Glauber Rocha em Revolução no Cinema Novo

VANGUARDA
 INOVAÇÃO

Todo internauta que assim o desejar poderá ver algumas obras-primas do curta-metragem, da autoria de Luiz Rosemberg Filho: *Nossas imagens* (<http://vimeo.com/18157969>), *O discurso das imagens* (<http://vimeo.com/14184725>), *\$em título* (<http://www.youtube.com/watch?v=sCPTDQHWYm4>) e *As últimas imagens de Tebas* (<http://vimeo.com/16861345>). Filmes primorosos, produtos da imaginação e sensibilidade férteis de um autor no pleno domínio da linguagem da sua arte: como o universo virtual é algo anônimo, fica uma questão: quem é realmente Luiz Rosemberg Filho?

Glauber Rocha, em *A revolução no Cinema Novo* (1981), nos dá algumas pistas e fala de um cineasta ambicioso, cuja pretensão é tratar do todo: “totalizante” Rosemberg sempre foi, e continua sendo. Nesses últimos curtas-metragens os temas são na verdade grandes perguntas: O que é o cinema? O que é a imagem? (esta palavra/questionamento está no título de três dos quatro curtas. Em *O discurso das imagens*, Walter Benjamin pode ter uma resposta: “aquilo que sabemos que em breve já não teremos diante de nós torna-se imagem”). Para respondê-las, Rosemberg cita amplamente o cinema, o teatro, a filosofia, o ensaio, a poesia, as artes plásticas, a música (empregando com insistência o princípio da colagem): a medida do autor é tudo que a cultura e a civilização ocidental pensaram e produziram de melhor na sua longa história; embora um cineasta assumidamente brasileiro e preocupado com o seu país, ele definitivamente não é um autor paroquial nem limitado ao Brasil.

Glauber diz também que Rosemberg é um “revolucionário pela RAYZ” e que realizou “filmes de vanguarda”. *Crônica de um industrial* (1978, longa-metragem) era exatamente isto: um filme de vanguarda, de um pensador, de um experimentador de formas. Seus planos-sequências enormes, seu texto extremamente bem cuidado (alguns exemplos de sua poderosa prosa poética: “incertezas da vida e a certeza

da morte; a terrível luta de ser o que se é; deixei de ser um animal, um selvagem, um homem, uma contradição”, o trabalho da trilha sonora, apontam para um pesquisador que sempre procurou inovar, não repetir. Rosemberg sempre trabalhou a literatura (mais propriamente, a poesia: “o cinema sem poesia nunca me interessou muito”, escreveu) em todos seus filmes: primeiramente a literatura falada, orquestrada num texto primoroso (*Crônica de um industrial*), até chegar a seus curtas mais recentes, onde ele filma (escreve) as muitas palavras que tem a dizer. Mas já em *Crônica de um industrial* ele filmava algumas palavras (anúncios em neon), mas também uma mão escrevendo num caderno; assim como, nos seus últimos curtas, existe quase sempre um esplêndido texto em *off* (a narradora por vezes aparece na imagem).

“Revolucionário pela RAYZ” e filmes de “vanguarda”: mais uma vez, uma definição perfeita para seus quatro curtas. Agora, pesquisando a imagem digital, Rosemberg chega à conclusão (própria) de que ela é tão cinematográfica quanto a imagem realizada com o celuloide. Imagens soberbas são criadas em todos os curtas: por exemplo, em *O discurso das imagens*, a narradora fecha os olhos, quando se sobrepõe a este plano o plano-sequência final de *One plus one*, de Jean-Luc Godard, onde vemos uma personagem, morta, ser carregada pela grua em movimento. Ou, então, em *As últimas imagens de Tebas*, o rosto do personagem, encarnado pelo próprio diretor, com os olhos vazados, sangrando, enquanto atrás dele é exibida a sequência inicial de *O cão andaluz*, onde o diretor (Luís Buñuel) corta o olho de uma mulher com a navalha: duas imagens de uma beleza esfuziante. Quanto à trilha sonora desses curtas: quase sempre um texto que interage em perfeita sintonia com as imagens, ou então se relaciona com elas numa contradição dialética (toda palavra é música, nos é dito em *O discurso das imagens*; música das palavras mais a melodia: outra dialética/colagem de sua obra). Rosemberg vai além: sua montagem (ritmo) por



si só transforma seus filmes em música, quer dizer, em peças musicais. Mas atenção: suas fitas são de um autor que procura o novo; mas certo classicismo (e mesmo romantismo) ronda conscientemente suas obras. A trilha sonora musical de *Crônica de um industrial* é quase toda de Bach, mas no final temos *Tristão e Isolda*, de Wagner. *As últimas imagens de Tebas*, por sua vez, é livremente inspirado em *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*, de Sófocles. Rosenberg pode ser um cineasta de vanguarda, mas não abandona nenhum dos períodos da arte, nem mesmo o surrealismo (a imagem inicial de *Nossas imagens*: uma câmera, um trampolim e um céu esplendoroso).

Os quatro curtas são, portanto, o entrechoque perturbador entre frases filmadas, faladas, imagens soberbas e uma música poderosa (articuladas por uma montagem lateral: ver Bazin logo adiante), quer dizer, cinema sim, imagem e som, mas também literatura, poesia e música refinadamente trabalhadas. Este tipo de cinema foi claramente mapeado por André Bazin e Alexandre Astruc. Em 1948, Astruc escreveu um ensaio, *Nascimento de uma nova vanguarda: a câmera-caneta*, onde defendia um cinema “escrito com a câmera”, no qual as imagens não eram os únicos elementos de linguagem que um cineasta poderia usar. Escreveu:

[o cinema] se torna pouco a pouco uma linguagem. Uma linguagem, quer dizer, uma forma na qual e pela qual um artista pode exprimir seu pensamento, por mais abstrato que ele seja, ou traduzir suas obsessões exatamente como acontece hoje no ensaio e no romance.

E continuava:

o cinema gradualmente se livrará do que é visual, da imagem pela imagem, das imediatas e concretas demandas da narrativa, para se transformar num meio de escritura tão flexível e sutil como a linguagem escrita.

Quanto às possibilidades expressivas:

a mais filosófica meditação sobre a produção humana, psicologia, metafísica, ideias e paixões é perfeitamente cabível no cinema. [...] ideias contemporâneas e filosóficas são tais que somente o cinema pode fazer justiça a elas.

Resumindo, ele diz que em “breve será possível escrever ideias diretamente no filme”.

Quanto a André Bazin, num dos muitos textos sobre a questão, abordando um filme de Chris Marker, *Lettre de Sibérie*, diz que:

com Chris Marker (...) diria que a matéria primitiva é a inteligência, sua expressão imediata a palavra, e que a imagem não intervém senão em terceira posição em referência a esta inteligência verbal. (...) uma noção absolutamente nova da montagem (...). Aqui, a imagem não reenvia àquela que a precede ou à que a segue, mas lateralmente, de qualquer maneira, em relação ao que é dito, ao mesmo tempo. Melhor, o elemento primordial é a beleza sonora, e é a partir dela que o espírito deve saltar em direção à imagem. A montagem se faz da orelha ao olho.

É só trocar Marker por Rosenberg, e pareceria que Bazin estaria escrevendo e antecipando este último.

No final de *Crônica de um industrial* o personagem principal diz que “queria a toda força ser poeta, acreditava na força revolucionária da palavra”. Luiz Rosenberg há mais de quarenta anos realiza filmes em celuloide, vídeo, digital, curtas e longas. Mas ele também escreveu com a câmera, colocou suas ideias diretamente no cinema, criou uma montagem que usa primeiro a inteligência, em seguida as palavras, a música, e só então salta para as imagens. Luiz Rosenberg Filho é um cineasta/ensaísta admirável; mas é, também, um enorme poeta.

Mário Alves Coutinho é crítico de cinema, literatura e ensaísta, autor de *Escrever com a câmera, a literatura cinematográfica de Jean-Luc Godard*; organizador de *Presença do CEC: 50 anos de cinema em Belo Horizonte*; tradutor de *Tudo que vive é sagrado*, poesias de William Blake e D. H. Lawrence; *Canções da inocência e da experiência*, William Blake; *O livro luminoso da vida*, ensaios literários de D. H. Lawrence, e roteirista (*Idolatrada*, longa; *João Rosa* e *O horizonte de JK*, curtas). É doutor em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras/UFMG. Pós-Doutorado no Departamento de Comunicação Social/UFMG, sobre André Bazin.